ÉDOUARD LOUIS
HISTÓRIA DA VIOLÊNCIA

Tradução
Francesca Angiolillo

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Édouard Louis, 2016
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2020
Todos os direitos reservados.
Título original: *Histoire de la violence*

Primeiramente publicado por Editions du Seuil em 2016.

Preparação: Karina Barbosa dos Santos
Revisão: Fernanda Cosenza e Vanessa Almeida
Projeto Gráfico: Jussara Fino
Diagramação: Abreu's System
Capa: adaptada do projeto gráfico de Compañía
Imagem de capa: Meg Cowell/Trevillion Images

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Louis, Édouard
História da violência / Édouard Louis; tradução de Francesca Angiolillo. – São Paulo: Planeta do Brasil, 2020.
176 p.

ISBN: 978-85-422-1869-5
Título original: Histoire de la violence

1. Ficção francesa I. Título II. Angiolillo, Francesca

19-2838 CDD: 843

Índices para catálogo sistemático:
1. Ficção francesa

TUSQUETS EDITORES

Cet ouvrage, publié dans le cadre du Programme d'Aide à la Publication année 2019 Carlos Drummond de Andrade de l'Ambassade de France au Brésil, bénéficie du soutien du Ministère de l'Europe et des Affaires étrangères.
Este livro, publicado no âmbito do Programa de Apoio à Publicação ano 2019 Carlos Drummond de Andrade da Embaixada da França no Brasil, contou com o apoio do Ministério francês da Europa e das Relações Exteriores.

2020
Todos os direitos desta edição reservados à
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.
Rua Bela Cintra, 986 – 4º andar
Consolação – 01415-002 – São Paulo-SP
www.planetadelivros.com.br
faleconosco@editoraplaneta.com.br

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

para Geoffroy de Lagasnerie

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Sumário

9 Um
19 Dois
33 Três
39 Quatro
50 Cinco
63 Seis
76 Sete
81 Oito
110 Interlúdio
113 Nove
120 Dez
126 Onze (detalhes de um pesadelo)
132 Doze
138 Treze
144 Catorze
149 Quinze
165 Dezesseis

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Um

E então, algumas horas depois daquilo que a cópia da queixa que eu guardo dobrada em quatro em uma gaveta chama de "a tentativa de homicídio", saí de casa e desci as escadas.

Atravessei a rua debaixo de chuva para lavar meus lençóis a noventa graus na lavanderia ali de baixo, a menos de cinquenta metros da porta do meu edifício, as costas curvadas por um saco de roupa desajeitado demais, pesado demais, as pernas se dobrando sob a carga.

TUSQUETS EDITORES

Ainda não havia clareado por completo. A rua estava vazia. Eu caminhava sozinho, meus pés se arrastavam, faltavam apenas alguns passos e, mesmo assim, a pressa me fazia contar: *São só uns cinquenta passos, vai, só mais uns vinte e pronto, chegou*. Eu acelerava. Eu também pensava – impaciente pelo futuro que de qualquer modo relegaria, designaria, reduziria a cena ao passado: *Em uma semana você dirá a si mesmo: Já faz uma semana que aconteceu, vamos lá, e em um ano você se dirá: Já faz um ano que aconteceu*. A chuva gelada, não fustigante, mas extremamente fina, minúscula, desagradável, se infiltrava pelo pano dos meus sapatos, a água se propagava pelas solas e pelo tecido das meias. Eu tinha frio – e pensava: *Ele poderia voltar, ele vai voltar, agora estou condenado a errar,*

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 9 23/01/20 18:07

ele condenou você a errar. Na lavanderia estava o gerente do estabelecimento, pequeno, troncudo. Seu busto ultrapassava as fileiras de máquinas. Ele me perguntou se eu estava bem, eu respondi "Não", do modo mais duro que consegui. Esperei sua reação. Eu queria que ele reagisse. Ele não procurou saber mais, deu de ombros, girou a cabeça, entrou em seu estreito escritório escondido atrás das secadoras, e eu o detestei por não me perguntar nada.

Subi de volta para casa com meus lençóis limpos. Eu suava na escadaria. Refiz a cama, que parecia ainda impregnada do cheiro de Reda, então acendi velas, queimei incenso; isso não bastava; peguei desodorizador, desodorante, também perfumes que eu havia ganhado no meu último aniversário, águas-de-colônia, e borrifei os lençóis, ensaboei as fronhas que eu tinha acabado de lavar, o tecido regurgitava a água com sabão em forma de pequenas bolhas amontoadas, aglomeradas. Ensaboei as cadeiras de madeira, passei uma esponja úmida nos livros que ele tinha manipulado, esfreguei as maçanetas das portas com lenços antissépticos, tirei minuciosamente o pó de cada uma das lâminas de madeira das persianas, mudei de lugar e intercalei as pilhas de livros que estavam no chão, lustrei a estrutura metálica da cama, pulverizei com um produto cítrico a superfície lisa e branca da geladeira; eu não conseguia me deter, movido por uma energia que beirava a loucura. Pensei: *Antes louco que morto*. Esfreguei o chuveiro que ele tinha usado, joguei vários litros de água sanitária no vaso e na pia (ao menos um pouco mais de dois litros, quer dizer, uma garrafa de um litro e meio ainda cheia e outra já pela metade), esfreguei o banheiro todo, um absurdo, limpei até mesmo o espelho no qual ele se olhara, ou melhor, se admirara naquela noite, joguei no lixo as roupas que ele tinha tocado, lavá-las não teria bastado: não sei por que bastava para os lençóis, mas não para as

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 10 23/01/20 18:07

roupas. Esfreguei o piso, de quatro, a água fervente me queimava os dedos, o esfregão arrancava em lascas finas e retangulares minha pele amolecida. Os pedaços de pele se enrolavam sobre si mesmos. Eu parava, inspirava profundamente, farejava, na verdade, como um animal, eu tinha me tornado um animal, em busca daquele cheiro que parecia não desaparecer nunca, apesar dos meus esforços, o cheiro dele não ia embora, e concluí que estava em mim, não nos lençóis ou nos móveis. O problema vinha de mim. Entrei no chuveiro, me lavei uma vez, depois duas, depois três e assim por diante. Passava sabão, xampu, condicionador no corpo para me perfumar o máximo possível, era como se o cheiro dele estivesse incrustado em mim, dentro de mim, entre a carne e a epiderme, e eu raspava todas as partes do meu corpo com a ponta das unhas, eu friccionava com força, obstinadamente, para atingir as camadas inferiores da minha pele, livrá-las de seu cheiro, eu blasfemava, "Puta merda", e o cheiro persistia, ele me deixava mais e mais enjoado, me dava vertigens. Deduzi: *É dentro do nariz que o cheiro está. É dentro do seu nariz que você está sentindo. O cheiro está preso no meu nariz*. Saí do banheiro, voltei e verti soro fisiológico nas narinas; soprei o ar pelo nariz, como se assoasse, para que – era o efeito que eu queria produzir – o soro atingisse todo o interior de minhas narinas: não adiantava nada; abri as janelas e saí para encontrar Henri, meu único amigo acordado às nove ou dez da manhã daquele 25 de dezembro.

É minha irmã quem descreve a cena a seu marido. Escondido atrás de uma porta, eu a escuto. Escuto sua voz, que reconheço mesmo depois de anos de ausência, sua voz sempre contaminada de fúria, de ressentimento, de ironia também, de resignação.

* * *

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 11 23/01/20 18:07

Cheguei à casa dela quatro dias atrás. Tinha imaginado ingenuamente que uma temporada no campo seria a única maneira de me recuperar do cansaço e da exaustão de meu modo de vida, mas, tão logo pus o pé naquela casa e joguei a mala sobre o colchão, tão logo abri a janela do quarto que dá para os bosques e para a fábrica do vilarejo ao lado, compreendi que tinha cometido um erro e que voltaria para casa ainda mais melancólico e ainda mais deprimido pelo tédio.

Fazia dois anos que eu não a visitava. Quando ela me censura pela ausência, balbucio uma expressão vazia como: "Tenho minha vida para levar" e tento soar bem convicto a fim de jogar de volta para ela o sentimento de culpa.

Mas não sei o que faço aqui. Já na vez anterior, ao entrar no mesmo carro que nesta semana – esse carro que me deixa doente com seu cheiro entranhado de cigarro – e ver desfilar do outro lado da porta os mesmos campos de milho e de colza, as mesmas extensões de beterrabas-brancas malcheirosas, as fileiras de casas de tijolo, os cartazes repugnantes da Frente Nacional, as igrejinhas sinistras, os postos de combustível desativados, os supermercados enferrujados, decrépitos, plantados em meio aos pastos, essa paisagem deprimente do norte da França, eu havia sido tomado por náuseas. Tinha compreendido que me sentiria só. Fui embora me dizendo que detestava o campo e que não voltaria nunca mais. E neste ano eu volto. *E tem mais. Não é só porque vocês certamente vão brigar cinco minutos depois de você chegar que você não vai mais voltar*, pensei ao chegar, enquanto estava no carro dela, enquanto eu cantava para não falar, *não é só porque tudo no jeito dela, nos seus hábitos, no seu modo de pensar agride e exaspera você. É também porque você não consegue mais vê-la desde que compreendeu a facilidade e a indiferença com que você a negligencia, muitas vezes com dureza, porque espera que ela o auxilie em seu esforço*

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 12 23/01/20 18:07

de abandono. Agora ela sabe. Ela sabe como você é capaz de ser frio, e você se envergonha. Ainda que não haja motivo para vergonha – você tem direito ao abandono –, você se envergonha. Você sabe que visitá-la o força a se confrontar com sua própria crueldade, aquilo que a vergonha faz você chamar de sua crueldade. Você sabe que estar com Clara o força a ver aquilo que você não quer ver em si mesmo e que, por isso, você tem raiva dela. Você não consegue evitar a raiva que sente por ela.

Desde a última visita, eu só lhe enviei uns poucos SMS e alguns cartões-postais formais, escolhidos ao acaso pelo vago sentimento de obrigação familiar, os quais ela prendeu com ímãs na geladeira, cada um deles garatujado rapidamente sobre um banco de praça ou um canto de mesa num café, "Beijos de Barcelona, até logo, Édoaurd" ou "Lembranças de Roma, tempo maravilhoso", talvez menos, de fato, para manter os laços entre nós dois, como eu queria me fazer acreditar, do que para lembrá-la da distância que nos separa e lhe mostrar que, agora, estou longe dela.

TUSQUETS EDITORES

O marido dela voltou do trabalho. Daqui de onde estou, posso ver os pés, os dele. Clara e ele estão na sala, eu estou no cômodo vizinho. A porta está quatro ou cinco centímetros entreaberta, eu os escuto sem que eles possam me ver, escondido e de pé, imóvel detrás da porta. Não posso vê-los, só ouvi-los, só consigo distinguir os pés dele, mas intuo que ela esteja sentada na cadeira em frente. Ele a escuta sem se mexer, e ela fala.

"Ele falou assim, bem desse jeito, que não sabia quase nada dele, só o nome: Reda."

Didier e Geoffroy acham que ele mentiu para mim e me deu um nome inventado. Não sei de nada. Eu me obrigo a não pensar nisso, cada vez que penso faço um esforço para desviar minha atenção. Eu me concentro em outra coisa, como

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 13 23/01/20 18:07

se quisesse que, de tudo o que ele me tomou, ele tivesse me deixado ao menos isso, levando-me, por conta própria, a me convencer de que o conhecimento dessas quatro letras poderia se assemelhar a uma revanche, ou, se essa é uma palavra forte demais, a um poder sobre ele, extraído diretamente desse saber. Eu não quero ter perdido em todos os planos. Quando evoco essa história no meu entorno e alguém defende que, ao que tudo indica, ele não me deu seu nome verdadeiro e que dar um nome falso é, de fato, num caso desses, com essa configuração, uma técnica clássica, um sentimento de irritação e de agressividade do qual não consigo me livrar toma conta de mim; essa ideia é a que me parece mais insuportável, de um instante para o outro fico agressivo, sinto vontade de gritar, quero calar meu interlocutor, sacudi-lo.

"Ele repetiu isso hoje de manhã. A gente estava na padaria e eu pedi para ele me contar de novo", e, de fato, no caminho eu tinha lhe dito que, quando Reda apontara seu revólver para mim, pois essa era a cena que ela queria que eu contasse uma e outra vez, quando ele apontara seu revólver, a pergunta que eu me fazia já não era: *Será que ele vai me matar*, porque naquele momento já não me restava nenhuma dúvida, era irreversível, ele ia me matar e eu ia morrer, naquela noite, no meu quarto, eu me rendia às circunstâncias com aquela capacidade que cada indivíduo tem de ceder e de se adaptar a todas as situações, é só olhar para a História, mesmo nos contextos mais antinaturais e atrozes, os homens se ajustam, eles se adaptam – essa eu havia dito a Clara graças ao meu pendor por declarações grandiloquentes, é ao mesmo tempo a melhor e a pior das mensagens para a humanidade, porque significa que basta mudar o mundo para mudar os homens, ou, em todo caso, a maioria deles, e Clara não escutava, não é preciso mudar indivíduo por indivíduo, tomaria tempo demais, os homens se

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 14 23/01/20 18:07

adaptam, eles não suportam, eles se adaptam. A pergunta não era, portanto: *Será que ele vai me matar*, mas antes: *Como ele vai me matar*, a saber: *Será que ele vai colocar outra vez seu cachecol em volta do meu pescoço para me estrangular*, ou: *Será que ele vai usar as facas sujas na minha pia*, ou: *Será que ele vai puxar o gatilho desse revólver*, ou: *Será que ele vai encontrar algum jeito que eu nem imagino*; eu já não esperava escapar, eu não esperava mais sobreviver, mas apenas morrer da forma menos dolorosa possível. Mais tarde a polícia, ou Clara, elogiaria minha coragem, e nada me pareceu mais contrário e alheio àquela noite do que tal noção de coragem. Ele dá uns passos para trás, segurando firme no cabo da pistola. Ele estende o outro braço, o que não está segurando a arma, sem tirar os olhos de cima de mim e, entre as roupas empilhadas na cadeira da escrivaninha, tateia. Pega o cachecol. Penso: *Ele vai me estrangular de novo*. No entanto, ao voltar para perto de mim, ele não tentou me estrangular como havia feito alguns minutos mais cedo, antes de sacar a pistola. Não levou as mãos ao meu pescoço. Dessa vez tentou me atar, ele pega meu braço direito, tenta pegar o outro para me amarrar com o cachecol, eu me lembro do cheiro de transpiração que emanava dele e do cheiro do sexo também. Eu me debatia, eu o impedia, eu tinha tanto medo, eu pensava: *Eu não quero morrer*, uma frase tão tristemente, tão tragicamente banal. Eu soltava uns gritos fracos, claro que não ia gritar muito alto. Não teria corrido esse risco. Eu o empurrava, sempre calmamente, o mais calmamente possível, e lhe pedia: "Não faça isso." Eu resistia, ele não alcançava seu objetivo, ele repetia sem parar, cada vez mais alto: "Deixa que eu cuido de você, Vou cuidar de você" (*cuidar* não no sentido que a gente costuma usar, mas *cuidar* no sentido de se ocupar de mim, o que significava, nessa circunstância, me destruir). "Vou cuidar de você, Vou cuidar de você." Ele gritava.

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 15 23/01/20 18:07

Eu tinha esperança que um vizinho nos escutasse, que chamasse a polícia. *Mas, se a polícia aparecer, é possível que o medo de ser preso precipite seus gestos e que ele me mate de uma vez, em um acesso de pânico, ao escutar a voz dos policiais através da porta, pronunciando algo como: Polícia, abra imediatamente*. Como sua tentativa de me amarrar havia fracassado, ele tomou de novo a pistola que tinha guardado momentaneamente no bolso interior do casaco de couro sintético, jogou o cachecol no chão, ou o recolocou em torno do pescoço, já não sei, e me derrubou no colchão.

Na manhã do dia 25, umas poucas horas após essa cena, eu fui a pé e de bicicleta até a casa de Henri e, no caminho, eu pensava ainda: *Em uma semana você dirá a si mesmo: Já faz uma semana que aconteceu, vamos lá, e em um ano você se dirá: Já faz um ano que aconteceu*. Eu mal havia chegado ao andar de sua casa quando ele abriu a porta. Devia ter escutado o ruído dos meus passos. Eu quis me refugiar nos braços dele, mas, num primeiro momento, me detive; por que motivo, eu não saberia dizer.

TUSQUETS EDITORES

Eu havia dito a Clara: "E, no entanto, eu não tinha pensado que ele pudesse ser perigoso". Eu não acreditava, imediatamente após aquela noite com Reda, como viria a acreditar em seguida e por meses, que todo mundo tinha o potencial de se tornar perigoso, mesmo pessoas que me eram mais próximas, qualquer um poderia ser tomado por uma loucura assassina, poderia de repente ser dominado pelo desejo de destruição e de sangue e me atacar, sem dar aviso, mesmo Didier e Geoffroy, meus dois amigos mais próximos, mas, no entanto, diante de Henri algo me detinha. Nós ficamos ali petrificados e, durante aqueles poucos instantes em que o tempo parou, senti que ele me examinava e me analisava, discretamente, em busca de todos os

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 16 23/01/20 18:07

sinais que poderiam lhe prover indícios sobre a razão de minha presença ali, tão cedo, num dia tão inesperado como aquele. Seus olhos me varriam, percorriam meus cabelos sujos, gordurosos, meus olhos escurecidos, com olheiras, extenuados, meu pescoço constelado de marcas violeta, meus lábios roxos, inchados. A cada vestígio que ele colhia, seu rosto se abatia; eu me lembro dos repetidos banhos que tomei antes de chegar à casa de Henri e, no entanto, lembro com muita exatidão que eu tinha os cabelos sujos quando estava lá. Ele me convidou a entrar. Andava atrás de mim e, conforme eu avançava, sentia seu olhar pousado sobre minha nuca. Eu não chorava. Adentrei o apartamento. Havia fotografias em porta-retratos sobre os móveis e, detrás do sofá, um grande retrato dele, emoldurado. Sentei-me, e Henri fez café. Voltou da cozinha com as duas xícaras nas mãos, balançando sobre os pires; perguntou-me se eu queria falar, respondi que sim. Descrevi Reda, primeiro seus olhos castanhos e suas sobrancelhas negras, comecei pelos olhos. Seu rosto era liso. Seus traços eram, ao mesmo tempo, suaves e marcados, masculinos. Quando sorria, covinhas sulcavam seu rosto, e ele sorria muito. A cópia da queixa que eu tenho em casa, redigida em linguajar policial, menciona: "Tipo magrebino". A cada vez que meus olhos recaem sobre essa palavra, eu me exaspero, porque escuto mais uma vez o racismo da polícia durante o interrogatório que se seguiu ao 25 de dezembro, aquele racismo compulsivo e, depois de tudo, aquilo que me parecia ser o único elemento de ligação entre eles, o único elemento, ao lado do uniforme justo demais, sobre o qual repousava a união dos policiais naquela noite, posto que, para eles, *tipo magrebino* não indicava uma origem geográfica, mas queria dizer ralé, bandido, delinquente. Eu havia traçado um rápido retrato de Reda para a polícia quando eles me pediram e, de repente, o policial que estava lá me interrompeu:

TUSQUETS EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 17 23/01/20 18:07

"Ah, tipo magrebino é o que o senhor quer dizer."

Ele triunfava; ele ficou, eu não diria *muito contente*, seria exagero, mas sorria, exultava como se eu tivesse admitido algo que ele quisesse me fazer dizer desde a minha chegada, como se eu lhe houvesse enfim fornecido a prova de que ele tinha sempre estado do lado da verdade, repetia: "Tipo magrebino, tipo magrebino" e, a cada duas frases, dizia outra vez: "Tipo magrebino, tipo magrebino". Fiz o relato da noite para Henri antes de ir me deitar em sua cama. Ele me apontou seu quarto no mezanino e subi para dormir. Não havia dormido em muito tempo, salvo por alguns cochilos com Reda.

TUSQUETS
EDITORES

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Historia_Violencia.indd 18 23/01/20 18:07